



Ensino Médio

Diálogo Carlos Drummond de Andrade e Graciliano Ramos

Semelhanças entre *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos

Disciplinas/Áreas do Conhecimento:

Língua Portuguesa - Literatura

Competência(s) / Objetivo(s) de Aprendizagem

- Compreender o problema da diferença social denunciada nas obras;
- Identificar as semelhanças entre o poema “Operário no Mar”, de Carlos Drummond de Andrade” e os capítulos “Festa” e “Contas”, de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.
- Reconhecer o conceito de literatura engajada presente em ambos os autores.

Conteúdos:

- *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade;
- *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Palavras Chave:

- Operário do mar; Vidas Secas; Sentimento do mundo; Graciliano Ramos; Vidas Secas

Para Organizar o seu Trabalho e Saber Mais

1. Para conhecer mais sobre a biografia de Carlos Drummond de Andrade, assista ao documentário Poeta da sete faces em http://www.youtube.com/watch?v=nlaiw_ZC08k
2. Para apresentar e contextualizar a vida e a obra de Carlos Drummond de Andrade, consulte http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5076&cd_item=35&cd_idioma=28555
3. Para conhecer mais sobre a vida, obra e fortuna crítica de Graciliano Ramos, visite <http://www.graciliano.com.br/>

4. Para apresentar e contextualizar a vida e a obra de Graciliano Ramos, consulte também http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=5174&cd_item=35&cd_idioma=28555

OBRAS:

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Cia de Bolso, 2012.

CAMILO, Vagner. “A cartografia lírico-social de *Sentimento do mundo*”. Revista Usp. Disponível em <http://www.usp.br/revistausp/53/06-vagner.pdf>

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 105.ed.; Rio de Janeiro: Record, 2008.

Proposta de Trabalho

1ª Etapa: Aproximação com o tema: denúncia social - a literatura engajada da 2ª fase modernista

Inicie a aula explicando aos alunos que literatura engajada, segundo Benoit Denis é:

[...] um fenômeno historicamente situado, que o associam geralmente a figura de Jean-Paul Sartre e à emergência, no imediato pós-guerra, de uma literatura passionalmente ocupada com questões políticas e sociais, e desejosa de participar da edificação de um novo mundo anunciado desde 1917, pela Revolução Russa. (2002, p. 17).

Mostre aos alunos que o engajamento literário ocorre como forma de trazer as relações desiguais e a exploração do ser humano para dentro da obra de arte. Dessa forma, o operário e o explorado passam a ser o foco do artista, que mostra a relação de distanciamento em que estes se encontram em relação ao burguês, ao patrão.

Segundo Vagner Camilo, “Drummond fez da própria distância social a medida de seu engajamento”, ou seja, “a consciência dessa distância social jamais deixará de nortear o empenho solidário” do autor em relação ao proletário, ao operário. O que podemos estender para Graciliano Ramos, que traz a figura do retirante, chefe de família, explorado pelo patrão e por todos.

Faça uma leitura dirigida do trecho a seguir, da obra *Contribuição à Crítica da Economia Política* de Marx:

Na produção social da própria existência os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina a realidade; ao contrário, é a realidade social que determina a sua consciência.

PREFÁCIO À CONTRIBUIÇÃO À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA. KARL MARX

Com base nos trechos acima grifados, leia com os alunos o excerto de *Vidas Secas*:

“Se pudesse mudar-se, gritaria bem alto que o roubavam. Aparentemente resignado, sentia um ódio imenso a qualquer coisa que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura. Tudo na verdade era contra ele. Estava acostumado, tinha a casca muito grossa, mas às vezes se arreliaava. Não havia paciência que suportasse tanta coisa.

- Um dia um homem faz besteira e se desgraça.

*Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo para amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercar de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látigos – aquilo estava no sangue. Conformava-se, não pretendia mais nada. Se lhe dessem o que era dele, estava certo. Não davam. Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos. Por que seria que os homens ricos ainda lhe tomavam parte dos ossos? Fazia até nojo pessoas importante se ocuparem com semelhantes porcarias.” (RAMOS, Graciliano, **Contas**. Vidas Secas, ed.2011 p.97)*

Chame a atenção dos alunos para a exemplificação da teoria marxista presente no trecho de Graciliano, em que vemos a figura de Fabiano resignar-se à sua condição de explorado, sendo que esta condiciona seu pensamento, atribuindo todas as dificuldades a uma certa “sina”, ao “destino”, algo que seria comum a um desgraçado.

Peça para que os alunos leiam o capítulo “Contas” integralmente e identifiquem outros trechos em que fica comprovado esse condicionamento da consciência.

2ª Etapa: temática do distanciamento no capítulo “Festa” de Vidas Secas

Retome com os alunos a questão sobre o distanciamento social, fazendo a leitura dirigida do excerto a seguir:

“Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixava indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízos. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinhas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto.”

RAMOS, Graciliano, **Festa**. Vidas Secas, ed.2011 p.76

Aponte para os alunos que é possível notar que os que estão em volta da personagem tiram tudo o que podem dele, “dando-lhe prejuízos”. Nota-se o rebaixamento de Fabiano em relação aos demais tipos da cidade, ele sentia-se inferior e isso era reforçado pela ação de todos que estavam a sua volta ou que dele se aproximavam.

Mostre aos alunos que nem mesmo a roupa que Fabiano vestia fazia o sentir-se mais próximos daqueles que ‘mangavam’ dele. A roupa social (gravata, botas) deveria concenter-lhe um ar de igualdade em relação aos demais, porém, ao contrário disso, ele sentia-se ridículo, pois sabia que essas roupas não o aproximariam de verdade das classes sociais mais altas.

Peça ao alunos que façam a leitura integral do capítulo e levantem outras referências sobre a consciência de Fabiano em relação à sua condição de inferioridade.

3ª Etapa: temática do distanciamento no poema “Operário no mar” de Carlos Drummond de Andrade

Retome com os alunos a questão sobre o distanciamento social, mostrando que existe no poema a seguir uma tentativa do eu lírico compreender, ou melhor, solidarizar-se com esse operário, que desconhece o que ocorre no mundo, porque “não lhe sobra tempo” para conhecer sobre isso, aliena-se em sua condição de proletário:

O OPERÁRIO NO MAR

*Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar-lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei? (DRUMMOND, C. de A. *Sentimento do mundo*. Ed. Cia. das Letras)*

Aponte para os alunos que é possível notar que eu lírico solidariza-se com o operário, porém, existe uma distância entre eles que reforça a diferença social existente. Chame a atenção para o trecho “tenho vergonha e vontade de encará-lo”, mostrando que essa vergonha pode corresponder ao que ele é, ou seja, a sua condição de proletário com acesso à cultura, que conhece e sabe notícias do mundo já que tem meios para isso.

Comente que, segundo o filósofo Walter Benjamin, “a esquerda radical (...) jamais abolirá o fato de que mesmo a proletarização do intelectual quase nunca fará deles um proletário”, já pelo acesso privilegiado à cultura, que o torna solidário com ela e, mais ainda, a torna solidária com ele. Essa solidariedade pode ser apagada na superfície, ou até dissolvida; mas quase sempre ela permanece suficientemente forte para excluir de vez o intelectual do estado de prontidão constante e da existência do verdadeiro proletariado.” Reforce que pode estar aqui a explicação para o desprezo em relação ao eu lírico sentido pelo operário.

Peça ao alunos que analisem o último trecho grifado e comentem com os colegas por que, ao final, o proletário vem “beijar-lhe” o rosto.

4ª Etapa: Fechamento

Inicie a aula perguntando aos alunos:

- O que perceberam em relação à denúncia social existente no poema “Operário no mar”, de Carlos Drummond de Andrade e nos capítulos “Contas” e “Festa”, de Graciliano Ramos?

A partir dos comentários, identifique se chegaram a verificar que, em ambas as obras, nota-se um engajamento desse eu lírico/narrador que solidariza-se com o proletário/explorado e traz à tona essa condição de distanciamento social.

Plano de aula: Profa. Ms Gláucia Luiz